Dossiê

Organizações negras na cidade de Osasco

Ana Carolina Nascimento* e **Deivison Faustino

***Resumo*:**
O artigo apresenta os processos de participação política e as mobilizações da população negra da cidade de Osasco, no que diz respeito aos processos de formação dos movimentos sociais, participação política e mobilizações acerca da defesa de direitos e das questões sociais, culturais e econômicas. Olhar para a história do movimento negro da cidade, possibilita munir-se de elementos para pensar a conjuntura atual e formas de resistência e superação.
Palavras-chave: Osasco; Movimento negro; participação política; lutas sociais.

Black organizations in the city of Osasco

***Abstract*:**
The article presents the processes of political participation and mobilizations of the black population in the city of Osasco, regarding processes of formation of social movements, political participation and mobilizations regarding the defense of rights and social, cultural and economic issues. Looking at the history of the city's black movement makes it possible to equip yourself with elements to think about the current situation and forms of resistance and overcoming.
Keywords: Osasco; Black movement; political participation; social struggles.

Sobre os movimentos negros no Brasil

Clóvis Moura enfatiza que "o negro brasileiro foi sempre um organizador". A relação desumanizada durante a escravização e de desigualdade no pós-abolição fez com que o povo negro se organizasse constantemente "para não ser destruído social, cultural e biologicamente" (Moura, 1983, p.143). O autor cunha o termo

* Mestra em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos-SP, Brasil. End. eletrônico: ns.anacarol@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0004-8844-2125.

** Doutor em Sociologia. Docente da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos-SP, Brasil; onde é co-coordenador do Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares. End. eletrônico: sdeivison@hotmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3454-7966

DOI: https://doi.org/10.23925/ls.v28i53.70069

Recebido em 20 de dezembro de 2024. Aprovado em 27 de dezembro de 2024.

"grupos específicos" para se referir a organizações de valorização do fator discriminador, de uma marca, herança, e que transformam o estigma em gerador de resistência e fortalecimento da convivência das mais diversas ordens, como: os quilombos, irmandades, clubes sociais, sociedades culturais e artísticas, escolas de samba, terreiros de religião de matriz africana, movimentos sociais, associações políticas, imprensa negra etc.

> Temos, assim, na sociedade brasileira vários tipos de organizações específicas que o elemento negro criou para se autodefender da sociedade discriminatória. Essas organizações percorrem toda a extensão do período escravista, continuam após a escravidão e persistem até hoje (Moura, 1983, p.144).

A luta de classes, presente na sociedade capitalista, assim como seus interesses inconciliáveis, compõem essa marca, agregando a inferioridade socioeconômica em uma sociedade competitiva. Tais grupos sempre foram alvo de repressão ou capturados com o objetivo de quebrar a organização ou desviar seu objetivo gerador. "Em toda a sua trajetória, há uma fricção permanente da parte de instituições dominantes no sentido de asfixiar socialmente grupos específicos negros" (Moura, 1983, p.145). "Grupos específicos" são organizados, então, enquanto resistência ao processo de constante confronto na sociedade. Os indivíduos adquirem consciência dessa dinâmica e se protegem criando valores à parte, específicos, "desta forma, os grupos sociais específicos negros foram criados pelos escravos, durante todo o transcurso do regime escravista e pelo negro livre, após abolição até os nossos dias" (Moura, 2019, p. 141).

Para Lélia Gonzalez (1982), os movimentos negros, no plural, como define, são diversos, devido à própria diversidade étnica dos povos sequestrados no continente africano e escravizados no Brasil, o que resultou em múltiplas formas de organização e resposta de articulação e sobrevivência à escravização e no calvário do pós-abolição, sendo quilombos, insurreições, irmandades, sociedades de ajuda, terreiros religiosos, movimentos populares, são alguns dos exemplos[1]. A autora aponta que as diferentes perspectivas existentes nas organizações também sofrem influências dos direcionamentos políticos e econômicos de cada período histórico, bem como possuem características regionais dispares em cada recanto do Brasil,

[1] Enumerando algumas organizações: Quilombos dos Palmares, movimento revolucionário dos Malês, movimento abolicionista, Irmandade da Nossa Senhora do Rosário e S Benedito dos Homens Pretos, Sociedade dos Desvalidos de Salvador, (GONZALEZ, 1982, p. 18); Club 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917), o Centro da Federação dos Homens de Cor, Sociedade Progresso da Raça Africana (1891), o Centro Cívico Cruz e Souza (1918), Sociedade Brinco das Princesas (1925), Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul (1908), Clube 28 de Setembro, (1897), Grupo Dramático e Recreativo Kosmos (1908) e o Centro Cívico Palmares (1926).

como um todo da sociedade burguesa capitalista. A especificidade do movimento pode ser articulada de formas diversas, voltada para a assimilação do "eurobranco x afronegro", o seu contrário, a soma dos dois, ou a visão crítica de ambos; com o objetivo de vencer através do esforço pessoal ou de lutar de forma junta; lutar por um lugar individual ou pela mudança societária. "Os diferentes tipos de respostas a essas questões, e a muitas outras, acabam por remeter a gente a falar de movimentos negros... no movimento negro. Pois é" (Gonzalez, 1982, p.19).

Na contramão do discurso de muitos estudiosos sobre o escravizado como mero objeto ou como pacífico, Clóvis Moura (1983) elenca o *quilombo* como a organização negra mais ancestral do Brasil. Com uma organização e estrutura simples, possuíam agricultura de subsistência, uma organicidade política e atacavam quando sofriam repressão. O autor relata as investidas do Estado para destruição de quilombos com o pretexto de causarem desordem, latrocínios e insultos. Pondera, ainda, que os quilombos de Palmares e de Campo Grande se destacaram por serem maiores e terem organizações mais complexas, e que, em paralelo, os que ficavam organizavam grupos de resistência nas senzalas, proporcionando uma rede de apoio através também das práticas religiosas e culturais.

Para o autor, os "grupos específicos"[2] também se organizaram por meio das religiões africanas sobreviventes à diáspora e praticadas pelos escravizados desde meados do século XVIII. Sendo um "veículo organizacional dos negros contra a situação de oprimidos" (Moura, 1983, p.161), a prática foi condenada por "ir contra o bem comum" e reprimida pelo braço armado do Estado. Mais tarde, outras manifestações religiosas passaram a compor a resistência: irmandades, congadas, jongos e a umbanda são algumas destas tradições religiosas.

No pós-abolição, as relações sociais de poder mantiveram suas bases estruturais, o que impossibilitava a "integração social, econômica e cultural daquelas grandes parcelas de força de trabalho liberadas que irão construir a massa de marginalizados, saídas das senzalas" (Moura, 1988, p.25). Petrônio Domingues, a este respeito, observa que a população negra se viu no pós-abolição sem acesso à cidadania plena ou se inseriu de forma precária na República que surgia. Agora a classe dominante brasileira implementava políticas públicas voltadas para a integração dos imigrantes e para o embranquecimento da nação, ancoradas no racismo científico. A população negra não se calou e buscou organizar formas de mobilização e protesto contra a falta de emprego, educação, saúde, moradia e participação política (Domingues, 2007, p. 120).

Cresce no período a *imprensa negra* como uma forma alternativa de comunicação social sobre a população negra no que diz respeito aos seus dilemas sobre a questão racial e a necessidade de respostas ao racismo. Denunciavam as barreiras sociais no acesso à educação, habitação, saúde e trabalho e até à

[2] Ver Moura (2019, p. 139).

convivência comunitária, "impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas" (Domingues, 2007, p. 105).

Florestan Fernandes (2008) observa que o movimento negro conceituou a escalada do processo de preconceito racial e de discriminação social de modo a construir outro destino possível para a população negra, de combate às desigualdades e de luta coletiva e educativa, por meio das associações (Fernandes, 2008, p. 39). O sociólogo destaca como exemplo a Frente Negra Brasileira, criada em 1931, que atuava na perspectiva de reeducação, consciência racial, cooperação e solidariedade. Iniciada em São Paulo, a Frente era compreendida como "a organização que maior influência teve no comportamento do grupo étnico" (Moura, 1983, p.154), sendo considerada a demarcação da transformação do "Movimento Negro Brasileiro em movimento de massas" (Domingues, 2007, p. 106). Foi uma das mais importantes entidades negras do Brasil, reunindo grupos em outros estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia).

A segunda fase do movimento negro no pós-abolição, corresponde ao período em que surgiram com maior expressão a União dos Homens de Cor (1943), com maior organização, projeto e programa; e o Teatro Experimental do Negro (1944), que apostava no investimento cultural para a valorização do povo negro e a sensibilização dos brancos sobre o racismo. Estas organizações se chocam com o golpe de 1964, que as extingue.

Cabe ainda destacar a Associação Cultural do Negro, criada em 1954, em São Paulo, que valorizava a cultura negra, editando os *Cadernos de Cultura Negra*. Tratava-se de "um grupo vertical que congregava em seu seio elementos de status os mais diversos", com posições divergentes sobre a situação do negro na sociedade brasileira, o que gerou sua desarticulação e encerramento[3].

O período que corresponde às lutas pela redemocratização foi marcado pela reorganização do movimento negro. Essa fase também trouxe a discussão em torno da comemoração da data de 20 de novembro como Dia da Consciência Negra em detrimento de 13 de maio, dia da (falsa) abolição. No período foi criado o Movimento Negro Unificado, em 1978, que demarcou definitivamente sua retomada política, trazendo o princípio da relação entre raça e classe a partir de influências externas e internas, e entendendo que "a luta antirracista tinha que ser combinada com a luta revolucionária anticapitalista" (Domingues, 2007).

[3] A Associação teve uma segunda fase, em 1977, voltada para o campo assistencial e filantrópico, com a oferta de educação, recreação e lazer para a população negra e pobre. Todavia, não desenvolveu o engajamento político entre seus membros, com pouco comprometimento daqueles que podiam colaborar com a continuidade das ações educacionais, o que culminou em sua descontinuidade e, mais uma vez, sua extinção (Moura, 1983, p. 158)

O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial construiu uma carta de princípios, programa de ação e estatuto, organizando-se através de Centros de Lutas que se reuniam e discutiam sobre as questões que afligiam o negro, seja na escola, no trabalho, nas favelas, terreiros e espaços culturais, visando o combate ao racismo, mobilização e organização na luta pela emancipação e contra a discriminação, preconceito e a opressão (Moura, 1983, p.173). O MNU conferiu a coesão necessária para direção política do movimento negro. O discurso radicalizado do MNU teve base nos acontecimentos efervescentes de libertação de países africanos, a luta por direitos civis nos Estados Unidos, com o despontamento de lideranças como Malcon X, Martin Luther King e os Panteras Negras. Em âmbito local, a combinação dos elementos raça e classe, inspirados pela organização Convergência Socialista, trouxe o tom de que "a luta antirracista tinha que ser combinada com a luta revolucionária anticapitalista", pois somente com o fim do capitalismo haveria superação do racismo (Domingues, 2007, p.113).

De forma incontornável, o MNU demarcou o fim da "assimilação" e da "aculturação", a defesa da cultura e da identidade negra como tradução de valores de resistência e consciência do passado, presente e futuro, valorizando organizações quilombolas, religiões de matriz africana, e quaisquer outras organizações de defesa. Nesta direção, a socióloga Flávia Rios considera que o Ato Público de Fundação do Movimento Negro Unificado "representou a forma de protesto social que o movimento negro no Brasil assumiria doravante, tomando os espaços públicos abertos como palco privilegiado de manifestações" (Rios, 2012, p. 42). A pauta de reivindicações abordava questões que iam desde a necessidade de garantir um tratamento igualitário no mercado de trabalho, até a defesa das liberdades civis dos negros e a oposição ao comportamento de policiais baseados em estereótipos raciais.

Desde o final dos anos 1980, o movimento adotou também as marchas como forma de mobilização: da marcha do centenário da abolição, em 1988; passando pela marcha do Tricentenário de Zumbi dos Palmares, em 1995; pela Marcha Noturna Pela Democracia Racial, de 1997 a 2010; chegando à Marcha das Mulheres Negras em 2015.

Flávia Rios ressalta a ocupação das instituições do Estado por parte de lideranças do movimento, alcançando altos patamares de visibilidade e difusão. Para a autora o processo de institucionalização do movimento negro "possibilitou a profissionalização e a especialização dos ativistas, bem como a formalização e a burocratização dos coletivos e das entidades" (Rios, 2012, p.76).

A partir da pesquisa "Movimento negro na atualidade"[4], desenvolvida em 2018, é possível verificar algumas características e estratégias para a luta antirracista

[4] A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa "Movimento negro brasileiro na atualidade", realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Antirracista da

contemporânea com base no mapeamento das "mais diferentes expressões do que se possa compreender como movimento negro" (Pereira; Maia; Lima, 2020, p. 167). Há, na atualidade, segundo os autores uma "força da circulação cultural da luta antirracista", que "educa/reeduca e possivelmente gera mudanças na maneira como essas pessoas se colocam frente às questões ligadas ao racismo" (Pereira; Maia; Lima, 2020, p. 179). Uma das preocupações centrais está relacionada à área da educação, capitaneada pelo movimento negro nos primórdios e resultando, nos dias de hoje, resultando em conquistas como as cotas raciais e a Lei 10.639/03.

Osasco também vivenciou a criação de movimentos próprios dos trabalhadores negros. Porém, infelizmente não foram exaltados nas diversas pesquisas sobre a história da localidade. Uma das poucas exceções são os estudos de Ricardo Aparecido Dias (1986; 2021) que, de maneira quase isolada, instigou a apreciação desses grupos e lideranças, em especial em seu livro *Memórias da Comunidade de Cultura Negra de Osasco*.

Caminhos organizativos da população negra de Osasco

> Havia negros libertos, remunerados,
> que trabalhavam para a comunidade?
> Eles devem ser considerados
> fundadores de Osasco, também.
> (Dias, 2021)

Osasco é o nome de uma cidade na Itália, localizada na província de Turim, em que nasceu Antônio Agú (1845-1909), imigrante italiano que ao chegar no território da região oeste da cidade de São Paulo adquiriu terras, fixou residência no local e empreendeu esforços financeiros para a construção de uma estação de trem na já existente Estrada de Ferro Sorocabana, que cortava a localidade rumo ao interior do Estado. Seu principal interesse era poder escoar a produção do seu negócio de olaria, então solicitou que a estação fosse homenageada com o nome de sua cidade natal, fato que incorreu também na posterior nomeação da localidade como Vila Osasco.

A relevância desse acontecimento é inegável para o desenvolvimento da futura cidade, mas na história escrita não há registros sobre os trabalhadores que construíram a estação, e tampouco dos que trabalharam na olaria e nos demais ofícios. E em se tratando de meados dos anos 1890, pode-se arriscar que havia uma presença significativa da população negra e indígena na localidade. Contudo, a literatura osasquense oscila entre ignorar a presença da população negra, invisibilizando sua história, e retratá-la remetendo o grupo a características estereotipadas.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Gepear/UFRJ), sob a coordenação do Prof. Dr. Amilcar Araujo Pereira, que contou com o financiamento do Baobá – Fundo para Equidade Racial. Os dados foram levantados a partir de um formulário on-line e de uma segunda fase com entrevistas.

Osasco consolidou-se como um polo industrial e recebeu migrantes do nordeste e interior de São Paulo, despontando uma nova identidade, não sem conflitos e preconceitos.

O movimento migratório e o reconhecimento da cultura da população negra, seus redutos, difusão de religiões de matriz africana, modificaram de forma significativa a formação da identidade osasquense, segundo Coelho et. al. (2004). Contudo, não de forma a ser relatada na literatura da cidade com maior profundidade. Segregada e marginalizada, a população negra que tanto trabalhou durante a escravização agora era desqualificada através da ideologia racista que os culpabilizava pela sua falta de sorte e pelo atraso no progresso do país. Essa teoria colou na população negra o estereótipo de atrasada mentalmente, vadia, amoral entre outras, derivando diversas legislações de repressão e controle social (Moura, 2019).

Com efeito, a população negra de Osasco ocupa índices que evidenciam o seu processo de desigualdade fomentado pela organização da sociedade a partir do capitalismo. Tais contradições colocaram a população negra em movimento e foram diversos os caminhos trilhados pela população negra de Osasco e suas organizações de resistência em busca de sobrevivência.

Ricardo Aparecido Dias, farto dos apagamentos do povo negro na história de Osasco, escreveu o livro *Memórias da Comunidade de Cultura Negra de Osasco*, no intuito de resgatar a presença negra no território. As memórias trazem registros desde as famílias, personagens negros, associações e bailes negros. Aos poucos, a comunidade negra foi reivindicando seus espaços e criando redutos como processo de consolidação de suas experiências, de forma a garantir resistência e sobrevivência.

O autor relata que as organizações comunitárias de bairros se desenvolveram na década de 1950 e exemplifica com a frase "Nada se fez no Jardim Santo Antônio sem a participação do negro nordestino", de José Cupertino de Novais, que no momento da entrevista era operário e presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) de Osasco (Dias, 1986, p. 13).

Segundo Dias (2021), algumas dessas entidades de bairro participaram da segunda fase da campanha emancipacionista da cidade[5]. Sobre a participação da comunidade negra, afirma:

> Conseguida a emancipação, após um discutido plebiscito, e mais quatro anos de pendencias jurídicas, a comunidade negra, bem como os trabalhadores de forma geral, não entraram para a história do movimento, e tampouco asseguraram uma

[5] Após muitos debates e tensões, Osasco finalmente se emancipou de São Paulo em 19 de fevereiro de 1962.

> participação mais efetiva na vida política do novo município (Dias, 1986, p. 13-14).

Mesmo com a relevante participação na construção e desenvolvimento da cidade, a população negra e pobre aos poucos foi sendo empurrada para as periferias da cidade. Todavia, houve ao longo deste processo um crescimento manifestações culturais, religiosas e a presença de muitos artistas negros, que acabam fazendo a "troca de uma linguagem de protesto em sentido figurado para uma linguagem visual e de resistência", fazendo referência ao endurecimento do regime militar que perseguiu lideranças sindicais e estudantis da cidade de Osasco (Dias, 2021, p. 52).

Tais períodos foram de grande efervescência cultural e política. O Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Osasco, foi um órgão de grande importância e participação popular que se debruçou sobre a temática, seguido posteriormente do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Região Oeste da Grande São Paulo (Camargo, 2017).

O Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Osasco teve seu início em 1977 com o objetivo de defender os Direitos Humanos em casos de violações nos locais de moradia e trabalho, frisando os acontecimentos relacionados à perseguição no período ditatorial, evitando ou expondo situações de violência policial a partir de formações de pessoas que pudessem atuar nesse enfrentamento com o suporte jurídico da instituição. O grupo teve forte influência de grupos organizados da igreja católica, como a Juventude Operária Católica, Juventude Universitária Católica, Ação Católica Operária, Pastoral Operária e Pastoral dos Direitos Humanos; e da Frente Nacional do Trabalho.

Neste contexto, surge o "Batente", jornal alternativo da imprensa local de Osasco que juntou movimentos sociais, partidos políticos e sindicatos na luta pela transformação social. Criado em 1978, o jornal era fruto da união de movimentos como "Ação Católica Operária", comunidades eclesiais de base, associações de amigos de bairros e oposições sindicais, buscando outros meios de expor reivindicações e denúncias, com linguagem simples para alcançar as massas populares, estratégia utilizada também por outros jornais alternativos para driblar a censura sofrida pelos grandes meios de publicação (Barbosa; Crispim, 2005).

> Além desses, existiram outros que lutavam contra a carestia e por creche. Sem exceção, tais grupos tinham em comum não só a vontade de lutar por melhorias na região, como também a vontade de acabar com a ditadura. "Iguais rios que conduzem para o mar, os movimentos queriam derrubar tudo o que tinha de atrasado na sociedade, combater a concentração de riquezas, lutar contra a exploração do homem sobre o homem, acabar com a repressão e derrubar os militares", salienta José Pedro da Silva, membro do Batente e líder do movimento sindical na

> época. Esses grupos participavam não só das manifestações locais, como também das campanhas que atingiam todo o país – aderiram à luta pela anistia ampla, geral e depois pela nova Constituinte (Barbosa; Crispim, 2005, p.50).

Após o Ato Institucional nº 5, o sistema recrudesceu sobre os movimentos políticos da cidade e Osasco sofreu com campanhas midiáticas que focavam apenas em seus altos índices de criminalidade e violência, sem denotar as reais condições de vida da população, sem serviços públicos, saneamento básico e moradia digna. Os movimentos voltaram a se articular em 1978 em torno das lutas populares, impulsionadas pelas manifestações contra a carestia, arrocho salarial e pela Lei de Anistia (Barbosa; Crispim, 2005).

O Grupo Quilombo, considerado a mais importante entidade do movimento negro de Osasco, ficou conhecido pelas reuniões das lideranças negras em 1980. Por iniciativa de Adilson Gomes Teixeira, o grupo se reunia inicialmente quinzenalmente e, posteriormente, semanalmente, na sede da OAB - Ordem dos Advogados do Brasil da cidade de Osasco com cerca de cinquenta a sessenta pessoas. "Certos setores da cidade começaram a ficar preocupados quanto ao que aqueles negros estariam tramando" (Dias, 1986, p.30). O grupo priorizou a discussão de propostas políticas para a integração do negro na sociedade e a difusão de valores culturais. O grupo tinha a pretensão de instalar uma sede e transformar em jornal regular o boletim que era distribuído, sendo uma experiência marcada dentro da comunidade negra no que diz respeito ao uso da imprensa para a divulgação e propagação de suas ideias (Dias, 2021).

O grupo organizou edições da "Semana de Cultura Negra" e colaborou para a criação da "União das Escolas de Samba" e do "Clube amigos do Samba" na Praça do Samba, contando com os nomes como Adilson Gomes Teixeira, advogado; Dona Alzira Nogueira, fundadora da primeira escola de samba, a "Sete de Setembro" e, posteriormente, da "Escola de Samba Unidos do Novo Osasco"; Manoel Barbosa de Souza, professor, pastor da igreja presbiteriana, escritor e poeta que publicou a "Antologia Poesia Negra" pela Secretaria de Cultura de Osasco; Oswaldo Santiago, sindicalista da antiga Telecomunicações de São Paulo – TELESP e membro do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (Dias, 2021).

> Assim como outros sindicalistas negros à época, colocou o sindicato a serviço da causa negra. Santiago era muito popular na comunidade negra, tinha admirável senso de relações públicas e conseguia angariar prestígio pessoal. Reconhecimento que lhe proporcionou ser eleito conselheiro do primeiro órgão oficial de representação da comunidade negra em todo o Estado de São Paulo. E a partir de então tornou-se o elo entre o trabalho que era realizado em nossa

> cidade, e o órgão estadual. No Grupo Quilombo atuou na organização e nos bastidores. Por sua experiência sindical transmitia a nós outros, alguns inexperientes na organização e na condução de assembleias, os conceitos básicos da organização e condução de assembleias. No Grupo Quilombo organizou também seminários de discussão de questões do movimento negro (Dias, 2021, p.204).

Em 1987, Ricardo Dias escreveu o artigo "Osasco, debate e denúncia sobre racismo" para os *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas, relatando as experiências do Grupo Quilombo na realização de palestras em unidades de ensino público da cidade. O trabalho de aproximação com a política de educação só foi bem-sucedido após a aprovação da Resolução de nº 95 de 1986, da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo, que propôs a discussão da questão racial nas escolas da rede estadual. A proposta consistia em desmistificar o 13 de maio e promover a da valorização da comunidade negra, com palestras expositivas e abertura do debate com dúvidas e questões relacionadas, apostando na construção de uma postura contra o racismo no presente e no futuro da geração. Mesmo com poucos monitores, a ação promoveu em torno de 22 palestras e deixou os jovens sedentos por mais debates (Dias, 1987).

Outros destaques nas discussões do Grupo Quilombo foram as eleições de candidaturas negras para cargos de vereador em 1988 e o processo da constituinte, considerado omisso em relação ao racismo, justiça social e outras discriminações. A comunidade negra não conseguiu, contudo, se organizar para eleger seus candidatos em Osasco por conta das práticas do velho voto de cabresto, que fez com que não fossem consideradas as necessidades coletivas quando votavam (Dias, 2021).

Ainda no campo da organização e consciência política, há o relato do episódio de criação de uma praça chamada Mãe Preta por parte de um vereador. Com a consulta da comunidade, o nome foi desconsiderado e valeu a opinião pública pelo nome Praça Zumbi, na Vila Menck. Ricardo Dias atribui esse feito aos militantes do movimento negro de Osasco, dispostos a combater a falsa imagem de submissão e conformismo com as comemorações do 13 de maio (Dias, 2021).

No que tange à cultura, o Restaurante Panela de Ferro, de Zélia Maria da Luz, foi palco das reuniões em que eram organizadas as Semanas de Cultura Negra de Osasco. A Semana de Cultura Negra ou Semana de Arte e Cultura Negra foi um evento de grande relevância para a cidade. As primeiras edições foram realizadas em maio, organizadas por Edson Luiz Polim de Oliveira e Batista Jr., até o ano de 1981, trazendo reflexões sobre a condição do negro na sociedade brasileira (Dias, 2021).

Em 1982 passou a ocorrer a provocação sobre a alteração da data da Semana para novembro, fazendo referência ao debate sobre a dia que faz alusão à Consciência Negra ao invés da Abolição, entretanto, em 1983 a Secretaria de Educação e Cultura organizou o que o autor demarcou como sendo sua primeira

Semana de Cultura Negra, com projeção de filmes e apresentações culturais, mantendo sua realização no mês de maio. O mês de novembro desse mesmo ano foi, então, reservado para a realização do "Canto Negro", com a presença da Ilustre artista Clementina de Jesus, organizado pela Associação de Capoeira Zumbi do Mestre Polim (Dias, 2021).

Em 1984 ocorreu a segunda edição da Semana de Cultura Negra, agora em novembro, contando com ato interreligioso, denúncia sobre a vitimização majoritariamente de pessoas negras em confrontos policiais, desfile de moda, apresentações de grupos, exposições e a coleta de depoimentos de lideranças negras em 1984 e 1985 pela Secretaria de Cultura, tais quais: Miriam Garcia, Marian Pereira Bastos e Franklin Floriano Pompeu. Tal material, considerado de grande importância para essa pesquisa, não foi localizado apesar dos contatos realizados com profissionais da Secretaria de Cultura do município.

Os números de violência policial contra jovens negros e periféricos eram tão alarmantes a ponto da comunidade católica de cultura negra organizar missas e encontros para reflexão e denúncia das discriminações raciais.

> [...] o reconhecimento de que o negro é o mais oprimido e discriminado é muito recente na Igreja Católica. E como expressão dessa mudança de pensar, foi criada a Pastoral do Jovem Negro, movimento ligado a Igreja, mas constituído por leigos, e estabelecido em inúmeras paroquias de Osasco (Dias, 1986, p.22).

Em entrevista, a militante Vera Lopes pontua que até mesmo em alguns espaços religiosos havia complexidade na exposição e discussão dessa questão:

> Discutir as questões do negro dentro da igreja em uma proposta antirracista foi muito complicado. Os negros não se sentiam à vontade e os não negros em sua maioria acharam um absurdo, pois não viam razão para tratar dessa temática, afinal Deus amava a todos sem distinção de cor. Deus sim, mas eu enquanto mulher negra sabia que as relações comunitárias não eram igualitárias (Dias, 2021, p.59).

Sobre outras ações realizadas, um ato público contra a discriminação racial foi organizado pelo Sindicato dos Metalúrgicos em março de 1985. Posteriormente, em maio, foi realizado um debate em repúdio à visão paternalista da abolição na Associação Cultural Tiê. Nair Fermiano apresentou sua peça teatral chamada 14 de maio, no Espaço Cultural Grande Otelo, que refletia sobre a luta pela inserção do negro na sociedade após a abolição. Esse último evento contou também com a edição de uma Antologia Poética com os poemas de Nair, Theóphilo Fortunato de Camargo, Manoel Barbosa de Souza e de Jonas Eduardo (Dias, 2021).

Em 1991, a Semana contou com a apresentação de Nivaldo Santana, interpretando o poema "Navio Negreiro", de Castro Alves, e a palestra de Clovis Moura, que foi o ponto alto do evento, assim como a presença de Ruth de Souza na Sessão Solene da Câmara Municipal em homenagem à Zumbi (Dias, 2021).

Outro reduto negro que merece ser evidenciado foram as escolas de samba de Osasco. Foram diversas na história da cidade, sendo a mais conhecida, a "Escola Sete de Setembro", de Alzira Santa Rosa, João Perigo, Carioca, Dito, Biguá, e Neuza, filha de Alzira. Os foliões ensaiavam no campo da antiga fábrica COBRASMA, criada antes mesmo da emancipação da cidade (Dias, 2021). "Unidos de Osasco", que tinha Otávio Aquino Passos, conhecido como o "Carioca", como presidente e "Acadêmicos do XIII de Maio", com Benedito Alves e Antônio da Silva na presidência reivindicam serem as primeiras escolas de samba de Osasco. A escola "Acadêmicos Noel Rosa", do presidente João Perigo, foi sete vezes campeã do carnaval da cidade (Dias, 2021).

Hamiraldo Camargo era mais um impulsionador da cultura negra. Em 1985 criou, junto com outros amantes da música, o "Clube Amigos do Samba", que realizava shows na conhecidíssima Praça do Samba, no Km 18. Mais um reduto negro era assim formado, inspirado na "Rua do Samba" na cidade de São Paulo. A diretoria se reunia todas as segundas-feiras para preparação da programação do que seria realizada no domingo. Os encontros musicais chegaram a reunir cerca de dois a cinco mil pessoas. Em uma simplicidade, os músicos se revezavam cantando sem cachê, apenas divulgando seu trabalho. Tal ação, entretanto, sofreu também represálias, como conta Hamiraldo:

> Veja se isso não é racismo: O samba vai das 13 às 18 horas, no domingo, como toda ordem e respeito. Você acha que isso vai atrapalhar alguém? Entretanto foi feito um abaixo assinado com mais de cem assinaturas para nos tirar daqui. Só que imediatamente fizemos outro com mais de 1500 assinaturas das pessoas que querem que nós fiquemos (Dias, 1986, p.18).

Além do samba, a capoeira também sempre foi espaço de ocupação e manutenção da cultura negra. A "Academia Cordão de Ouro", que já possuía matriz em São Paulo, foi fundada na cidade de Osasco pelo mestre Suassuna. Mestre Tadeu foi quem treinou o mestre Edson Luiz Polim de Oliveira Silva e, posteriormente, passou a "Academia Cordão de Ouro" para ele, em 1971. A academia ficava localizada na Praça Marques do Herval, tendo mudado seu nome para "Associação de Capoeira Zumbi" (Dias, 2021).

A capoeira não era bem-vista de forma geral, não sendo diferente em Osasco. Mas a força cultural do esporte fez com que outras academias fossem abertas, como a "Academia de Capoeira Lendas do Abaeté", do mestre José Carlos Souza, no bairro da Vila Yara em 1972, e a "Academia Santo Louco", do Mestre Xará Lorde, em 1976 (Dias, 2021).

Em meados de 1980, a Galeria do Cine Glamour, construída no ano de 1948, era um ponto onde se reuniam jovens negros que frequentavam os salões de cabeleireiros, bares ao som de funk e samba, e a conhecida Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares, do Mestre Polim. A juventude colocava a cabeleira para o alto no estilo conhecido como *black power*. O local virou um reduto negro cultural, sendo local de encontro de grupos de dança e teatro como "Núcleo Expressão".

Sonia Maria Souza Cruz foi médica sanitarista, Secretária de Saúde em Osasco, e a primeira mulher negra a assumir o mandato de vereadora em 1987. Foi eleita suplente e assumiu a cadeira em substituição a um vereador que havia falecido. Sua atuação no movimento negro de Osasco permeou a diretoria do "Clube Amigos do Samba" e da organização da Semana de Cultura Negra. Sua militância em associações de amigos de bairro e no movimento de mulheres negras demonstrou preocupação e atuação junto às questões relacionadas à população negra:

> Como Secretária da Saúde poderei fazer mais pela comunidade negra. Como os recursos e equipamentos de saúde estão concentrados na área central, e a comunidade negra está na periferia, minha prioridade será desenvolver um trabalho junto a esta área mais carente (Dias, 1986, p.25).

No ano de 1992 o então prefeito de Osasco, Francisco Rossi, assinou um convênio de cidades irmãs com a cidade de Viana, em Angola, tendo recebido uma comitiva de autoridades angolanas que veio até a cidade. Osasco não pôde, no entanto, enviar sua comitiva à Viana nesse período devido a uma guerra civil que durou dez anos no país africano, sendo tal feito possível apenas em 2003.

Retomando o cenário musical, outra iniciativa foi o "Projeto Nosso Samba"[6], criado em 1998, e que ocorreu inicialmente no Bar do Laercio, no Km 18, posteriormente no Bar do Ivo, e, finalmente, na Casa de Angola, até encerrar suas atividades em 2012. Além de muito samba, o projeto proporcionava a exposição de sambas autorais, poesias e reflexões sobre a questão racial, sendo seus percussores Fábio Goulart, Marcelo A. Benedito e Selito (Dias, 2021).

À guisa de conclusão

A revisão da bibliografia sobre a história da cidade de Osasco evidencia o apagamento ou, muitas vezes, a forma estereotipada em que a população negra é retratada. O olhar detido em seus caminhos durante a pesquisa possibilitou afirmar a sua presença grandiosa na construção da cidade de Osasco, principalmente em seus

[6] O Projeto Nosso Samba de Osasco foi uma experiência riquíssima, parte do seu legado encontra-se no site https://projetonossosamba.blogspot.com/2003/ e em https://www.youtube.com/@selitosd/featured.

aspectos artísticos e culturais de construção de uma identidade alternativa à de origem italiana.

Resgatar a história do movimento negro da cidade de Osasco, seus caminhos, entraves e formas de manifestação e organização, por meio da exposição da magnitude do que foi edificado, tem a pretensão de corroborar para a continuidade da reflexão, surgimento de outras e novas organizações e tensionamento para mudanças da ordem estabelecida através do movimento de quebra de paradigmas, pois para quem nunca foi estático, o deslocamento é dialético.

E foi a consciência de movimento que permitiu à população negra escravizada resistir e sobreviver utilizando as mais diversas formas organizativas, não sendo diferente na localidade hoje denominada cidade de Osasco. Na revisão da literatura foi possível encontrar muitos pontos de convergência na caminhada do movimento negro brasileiro e nos caminhos da população negra de Osasco. Como apontam os autores estudados no decorrer dessa pesquisa, o movimento negro é diverso em suas formas, perspectivas e respostas, contudo, coaduna com o compromisso de defender-se da discriminação produzida pela sociedade capitalista, que utiliza o racismo como sustentação.

Suas organizações de fuga, quilombos e revoltas durante a escravidão evidenciam a ação, o planejamento e a execução que contrariam a passividade e a harmonia frente à desumanização.

Por sorte, os anais da história podem contar com o levantamento do professor Ricardo Dias que presenteia a todos com seus livros "Memórias da Comunidade de Cultura Negra de Osasco". Considera-se que por mais que algumas entidades tenham aspectos mais voltados para uma aculturação e assimilação, essas correspondem a um determinado período. Sem embargo, até as entidades consideradas recreativas e/ou culturais podem remeter em um primeiro momento a uma forma de enquadramento e manutenção do status quo, todavia, reúnem massas em uma coletividade política de reconhecimento de sua importância e de sua força, um ensaio, uma demonstração do que podem promover ao ultrapassar as amarras do entretenimento.

Osasco viu florescer suas organizações mais ousadas a partir da segunda metade do século XX, com um investimento declaradamente político progressista com intenções de ruptura com a lógica do mito da democracia racial e de negação do racismo. A industrialização da cidade de Osasco também corroborou para um clima de lutas mais radicalizadas e a formação de quadros negros por instituições políticas de esquerda e, consequentemente, o seu período de desindustrialização e a repressão da ditadura militar entornaram um bom caldo para a cidade.

Nos anos de chumbo, Osasco carimbou a história com a organização da grande greve dos trabalhadores da COBRASMA. Nesse período, a defesa da população negra contra a repressão e a violência policial, o Centro de Direitos

Humanos e organizações da igreja católica fortaleceram essa salvaguarda em um momento histórico de desarticulação dos movimentos sociais, inclusive do movimento negro.

A "Fúria negra ressuscita outra vez"[7] com a fundação do Movimento Negro Unificado e, em sintonia, os militantes de Osasco criaram o Grupo Quilombo, que em menores proporções se articulou contra a discriminação e a favor da difusão da cultura negra. Ambas as entidades pautaram discussões sobre as eleições e o voto em candidaturas negras em perspectiva de representações na política institucional. Desse modo, também promoveram a defesa da comemoração do dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra. A entidade endossou a criação da UESMO e a comemoração da Semana de Cultura Negra, exemplos que poderiam apoiar o movimento negro da atualidade.

Que as recordações, experiências e confluências do movimento negro do Brasil e de Osasco inspirem as lutas da população negra frente aos desafios da atualidade.

Referências

BARBOSA, Lucélia de Fátima; CRISPIM, Rosalva Gonçalves. Batente: o resgate da imprensa popular em Osasco.Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Centro Universitário FIEO, Osasco, 2005.

CAMARGO, Lucas Alves de. A luta pelos direitos humanos: o Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Osasco (1977-1983). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

COELHO, Maria Ines Zampolim; MORETI, Helio Marcos; MESSIAS, Maria do Carmo. Osasco. *História e identidade*. Osasco: Fundação Instituto Tecnológico de Osasco – FITO, Osasco, 2004.

DIAS, Ricardo Aparecido. *Memórias da comunidade de cultura negra de Osasco*. Osasco: edição do autor, 2021.

_____. Osasco, debate e denúncia sobre racismo. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 63, p. 130-131, 1987.

_____. *Memória da cultura negra em Osasco*. Osasco: Comarte,1986.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, São Paulo, vol. 12, p. 100-122, 2007.

[7] Capítulo 4, Versículo 3 Canção de Racionais MC's.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*: no limiar de uma nova era. vol. 2. São Paulo: Globo, 2008.

GONZALEZ. Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar do negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p. 11-66.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo, Perspectiva, 2019.

_____. *Rebeliões da senzala*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. Organizações negras. In: SINGER, Paul ; BRANT, Vinicius Caldeira (Orgs.). *São Paulo*: o povo em movimento. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Cebrap, 1983, p. 143-175.

PEREIRA, Amilcar Araujo; MAIA, Jorge Lucas; LIMA, Thayara Cristine Silva de. Os "rolês" do movimento negro brasileiro na atualidade, nas "pegadas" da educação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 75, p. 162-183, abr. 2020.

RIOS, Flávia. O protesto negro contemporâneo (1978-2010). *Lua Nova*, São Paulo, n. 85, p. 41-79, 2012.